

ARQUITETURA VERNACULAR E UM ENCONTRO DE CULTURAS: OS IMIGRANTES JAPONESES DA CIDADE DE REGISTRO

Pedro Simões de Souza (IC) e Guilherme Antonio Michelin (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Em 1908, os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil e trouxeram com eles sua cultura, que, posteriormente, fixou-se no país, adaptando-se ao clima e à própria cultura local. Com a ajuda do Governo de São Paulo e empresas japonesas, mais de 40.000 imigrantes chegaram ao Brasil, formando colônias e, posteriormente, um acervo com mais de 500 moradias projetadas ao modo japonês. Os responsáveis por tais obras foram os mestres-carpinteiros, capazes de criar encaixes em madeira com perfeição e paredes de taipa japonesa, *tsuchikabe*, totalmente aplainadas. Uma arquitetura espontânea e expressiva, que resultou do contato dos mestres japoneses com o clima e materiais locais, seguindo as indicações dos nativos. O *tsuchikabe* utilizado nas casas dos imigrantes japoneses no Vale do Ribeira, principalmente no município de Registro, é resultado desse sincretismo. O material usado em técnica mista mostra o desejo nipônico de assentar-se em novo mundo e as vicissitudes para criar o conjunto arquitetônico. São poucas as pesquisas que procuram entender o sincretismo das culturas e seus resultados, visando compreender como uma cultura totalmente diferente se estabeleceu em um novo país, formando núcleos e comunidades. Contudo, o material já existente permite uma análise da arquitetura presente nesses núcleos, sendo possível entender, como os imigrantes viviam e se organizavam. O presente artigo busca compreender, desde sua chegada, os sincretismos realizados e a importância de seus resultados.

Palavras-chave:

Sincretismo. Arquitetura Tradicional Japonesa. Imigrantes japoneses em Registro

ABSTRACT

In 1908, Japanese immigrants arrived in Brazil and brought with them their culture, which later became firmly established in the country, adapting to the climate and to the local culture. With the assistance of the São Paulo Government and Japanese companies, over 40,000 immigrants arrived in Brazil, forming colonies, and thus creating a collection of over 500 houses designed in the Japanese style. The craftsmen responsible for these works were master carpenters, capable of creating precise wooden joinery and walls of Japanese rammed earth construction, known as "tsuchikabe," that are completely smoothed. This spontaneous and expressive architecture resulted from the interaction of Japanese masters

with the materials and the local environment, following the guidance of the natives. The use of "tsuchikabe" in the houses of Japanese immigrants in the Vale do Ribeira, particularly in the municipality of Registro, is a product of this syncretism. The material employed in this mixed technique showcases the Japanese desire to establish themselves in a new world and the challenges they faced in creating the architectural ensemble. There are few studies that seek to understand the syncretism of cultures and its outcomes, aiming to comprehend how an entirely different culture took root in a new country, forming nuclei and communities. However, the existing material allows for an analysis of the architecture present in these nuclei, making it possible to understand how the immigrants lived and organized themselves. This article seeks to comprehend the syncretism that occurred since their arrival and the significance of their results.

Keywords:

Syncretism. Japanese Traditional Architecture. Japanese immigrants in Registro.

1. INTRODUÇÃO

Foi com o fim da era feudal, em 1867, quando o último xógum Tokugawa Yoshinobu (15º da dinastia Tokugawa) entregou o poder ao jovem imperador Meiji, que se encerrou o período de duzentos e sessenta anos de isolamento do Japão como resto do mundo. Assim, a restauração Meiji - que procede o período Edo, marcado pela reclusão do Japão sob um manto de regime feudal – abre os portões ao Ocidente (WALKER, 2015). Esse processo marcou uma forte ocidentalização na cultura japonesa. Com a “descoberta” do modo de vida ocidental, diversas importações aconteceram, Junichiro Tanizaki descreve em seu manifesto “Em louvor da Sombra” de 1933, como o viver ocidental mudou a vida dos japoneses e algumas das adaptações feitas pelo autor em sua moradia.

Numa casa, a observância estrita de boas maneiras e de regras de limpeza não impedirá a sujeira de aparecer eventualmente, em particular se o piso da latrina for de madeira ou de tatame. E assim, acabo concluindo que um banheiro ocidental azulejado e com vaso sanitário ligado à rede de água e esgoto é mais higiênico e fácil de manter e, em troca, digo adeus à estesia e à apreciação da natureza. (AUTOR, ANO, p.23)

Além do processo de ocidentalização, a população japonesa também viveu um período marcado por emigrações. Em junho de 1908, o navio Kasato Mura atracou no porto de Santos (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2008), 793 imigrantes japoneses desembarcaram em terras brasileiras. Esse marco aconteceu em um período conturbado da história brasileira, o país tinha acabado de sair de um regime de escravidão e os fazendeiros ainda não estavam acostumados com o sistema regido pelo trabalho assalariado, fator que levou a diversos problemas futuros tais como: o ambiente hostil e o desprezo pelos imigrantes, não apenas japoneses. Foi apenas em 1910, com o estabelecimento de um acordo entre o governo do Estado de São Paulo e a empresa japonesa Tokyo Syndicate, que se iniciou o processo de colonização da região do Vale do Iguape. A região basicamente inóspita, sem quase nenhum povoado – apenas algumas poucas comunidades quilombolas e ribeirinhas – eram características perfeitas que atendiam aos interesses do Estado de São Paulo e das empresas de colonização (HIJIOKA, 2016)(PETRONE,1961).

Entre 1908 e 1933 chegaram cerca de 182 mil imigrantes japoneses ao Brasil (BJÖRKLUND, 2007, apud NAGASE, 2015). Boa parte desses imigrantes (aqueles que vieram por meio de acordos com as empresas de colonização) chegaram como colonos e proprietários de uma pequena gleba. Assim, permitindo a construção de suas próprias moradias, utilizando de técnicas semelhantes às já conhecidas em sua terra natal, apesar da necessária adaptação ao clima, aos materiais locais oferecidos, além da introdução à cultura local (PETRONE, 1961).

A partir das companhias de emigração, amparada pelo governo brasileiro, houve três tipos de núcleo de colonização no Brasil, segundo Handa (1987). O primeiro tipo foi o planejado e financiado pelo governo brasileiro juntamente com a *Kaigai Kyôkai* (Associação Ultra Marina de Emigração) ou *Takushoku Kumiai* (Cooperativa de Colonização), de forma oficial. Essas instituições forneciam auxílio, guias e infraestrutura, como a que a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, K.K.K.K. (Companhia Ultramarina de Suplementos S/A)*, fez no núcleo de Iguape (onde ficam as cidades de Registro, Sete Barras e Três Barras), em São Paulo. O de segundo tipo foi o formado ao redor de um líder, principalmente por imigrantes que passaram pela experiência de trabalhar nas lavouras de café, queriam se juntar para realizar um núcleo de seus ideais. Já o de terceiro tipo, surgiu a partir da venda de terras, era uma atividade comercial voltada para o imigrante já estabelecido no Brasil (HIJIOKA, 2016).

Foi a de primeiro tipo que teve o futuro mais próspero, apesar de, provavelmente, o terceiro tipo de núcleo ter sido o mais numeroso, considerando a área e o número de colonos. Registro foi o núcleo, dentre todos os outros, onde a colonização foi mais expressiva devido à cooperação do conjunto KKKK, que centralizou as operações industriais, comerciais e burocráticas da empresa de colonização, além de criar jornais e guias para os colonos imigrantes. Além também de seu cenário geológico favorável, diferente de sua colônia irmã Katsura, que teve grande importância, mas não alcançou a potência de Registro. Com morros pequenos, grandes vales e 50 mil hectares, a Colônia de Registro prosperou (IPHAN, 2010).

Apesar do Brasil ser reconhecido mundialmente por sua diversidade étnica e São Paulo como o estado com a maior população japonesa fora do Japão (GOVERNO DE SÃO PAULO, 2008), pouco se reconhece as técnicas construtivas e arquitetônicas dos mesmos no Brasil. Quando falamos de arquitetura japonesa lembramos do Bairro da Liberdade, em São Paulo, com as luminárias *suzuranto*, além de diversos jardins espalhados pelo estado paulista e no Paraná. Pouco se fala da arquitetura tradicional vernacular japonesa no meio da mata tropical do Vale do Ribeira do Iguape, e tampouco se discute a qualidade, efemeridade e o estados das edificações. Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar e compreender a adaptação das técnicas construtivas, a fim de associá-las a organização espaço-cultural da cultura japonesa, visando a busca por melhorias em técnicas construtivas e aproveitamento dos conhecimentos deixados pelos imigrantes em terra brasileira. Consequentemente, os resultados da pesquisa trariam impactos positivos para o meio ambiente e à arquitetura brasileira.

A estrutura da pesquisa foi realizada de forma a compreender todos os processos da formação da colônia de imigrantes japoneses, núcleo de Registro, atual município de

Registro. Tal estrutura foi baseada em pesquisas e literaturas referenciadas, reifica-se por agrupar dados e análises ao entorno da história, cultura e arquitetura dos imigrantes japoneses no município de Registro. Foram selecionados artigos e trabalhos realizados por pesquisadores de diversas áreas, como história, geografia, sociologia e arquitetura, a fim de abranger análises mais diversas e obter resultados mais precisos.

A presente pesquisa, portanto, apresenta sua importância uma vez que, considerando a presença da arquitetura tradicional japonesa no desenvolvimento de uma comunidade no Brasil, há uma necessidade na compreensão das adaptações realizadas por esta comunidade, para o estabelecimento no território brasileiro, procurando novos métodos de construção e técnicas construtivas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para esta pesquisa está constituído, principalmente, por autores que analisam e discutem o espaço físico, cultural, histórico e a arquitetura tradicional dos imigrantes, bem como sua influência na região e vice-versa, a fim de agregar todos os dados e questões relevantes para construir uma base para o objetivo final. A pesquisa pode ser caracterizada como bibliográfica, documental e pesquisa de campo, uma vez que reúne diversas informações já disponíveis sobre a colonização e a arquitetura dos imigrantes japoneses e as técnicas utilizadas, em adição à uma visita técnica realizada às residências japonesas no município de Registro, com o objetivo de identificar os materiais e técnicas construtivas utilizadas, além de verificar o estado das mesmas.

Desta forma, a contribuição de autores como Hijioka (2016), Gonçalves (2008), Aoki (2011), Petrone (1961) e Nagase (2015) foram fundamentais à pesquisa, visto que, esclarecem questões ao redor da formação do núcleo de colonização e da arquitetura japonesa. Hijioka, neste trabalho, é considerada a principal fonte de informações ao redor do tema, analisa, descreve e identifica as casas dos imigrantes, as técnicas construtivas e a história das colônias no Vale do Ribeira do Iguape, em sua tese “MINKA – Casa do Imigrantes Japoneses no Vale do Ribeira”, além de seu workshop realizado em conjunto com o Mestre Sakan¹ e Professor Kinzo Nakao “Aprendendo com os Mestres Japoneses o Tsuchikabe: Técnica de taipa japonesa no Brasil”, no Instituto de Arquitetura e Urbanismo em São Carlos, durante o segundo semestre de 2017.

Previamente, foram realizadas leituras e pesquisas em livros e artigos sobre a história e cultura da civilização japonesa, como a dos autores Walker (2015), Seike (1977), Young & Young (2019) e Higashino (2000). Walker (2021) apresenta a história do Japão em seu livro “História Concisa do Japão, 2021”, fundamental para compreender como a

¹ *sakan* denominação, em japonês, do ofício do construtor de paredes

sociedade era organizada antes da imigração ao Brasil. O Japão saiu de um período em que o sistema feudal era sua base para uma restauração de um curto espaço de tempo. Com o fim do Período Edo, muitos elementos foram categorizados como atrasados, um deles foi a *minka*².

A partir da investigação da *minka*, de Young & Young (2019), é possível discutir um modelo base de construção das residências. A tese de Higashino “Roof Typology and Composition in Traditional Japanese Architecture, 2001”, permitiu a compreensão da divisão de uma casa tradicional japonesa, com base no status da família e em seu ofício. As *minkas* foram o símbolo das famílias de campo e menos abastadas, mas também, diversos donos de terras as construíam e utilizavam como residência.

Seguidamente da análise e estudos arredor da arquitetura tradicional japonesa, Seike (1977), com seu livro *The Art of Japanese Joinery*, descreve e apresenta uma série de ensambladuras. O livro foi de grande importância para a compreensão do potencial dos encaixes de madeira na arquitetura tradicional, possibilitando o fácil reconhecimento das peças e funcionalidade das mesmas. Apesar de uma *minka* ser considerada uma construção simples, diversas ensambladuras podem ser utilizadas conforme a necessidade.

Uma vez compreendida a história e a arquitetura tradicional japonesa, torna-se necessária a análise da cultura e religião nipônica, sendo o sincretismo da cultura japonesa e ocidental, o principal assunto de discussão no livro de Tanizaki, *Em Louvor das Sombras*, de 1933. Comunica ao leitor seus lamentos com a chegada da ocidentalização e, o provável fim do espírito da casa tradicional japonesa. Em conjunto, a Prof. Dra. Michiko Okano, apresenta o conceito de *Ma* da cultura japonesa, imprescindível para a percepção da organização espacial da residência tradicional.

Por fim, foram utilizadas as diversas fontes de pesquisa, anteriormente citadas, ao analisar as residências de imigrantes japoneses no município de Registro. As fontes principais de pesquisa utilizadas foram “Bens Culturais da Imigração Japonesa no Vale do Ribeira” da 9ª Superintendência Regional do IPHAN/São Paulo (2008); “Os Japoneses e a Teicultura no Município de Registro-SP: a produção do espaço como resultado de um processo econômico e migratório” tese de mestrado de Alessandro Aoki (2011); “O sincretismo de culturas sob a ótica da arquitetura vernácula do imigrante japonês na cidade de Registro, São Paulo” de Rogério Gonsalves e a tese, já citada, da Profa. Dra. Akemi Hijjoka.

² denominação, em japonês, da “casa do povo”

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base nas teses e artigos ao redor das 7 (sete) residências de imigrantes japoneses que fazem parte do patrimônio histórico do município de Registro, sendo elas: Residência Amaya 1, Residência Amaya 2, Residência Shimizu, Residência Fukazawa, Residência Hokugawa, Residência Suzu Okiyama e Residência Gozo Okiyama. Em 2008, todas as residências citadas foram tombadas pelo IPHAN, junto com outras edificações, como o Igreja Episcopal Anglicana e a Fábrica de Chá Kawagiri, totalizando 13 bens tomados em Registro. Juntamente com o tombamento foi realizado um levantamento dessas casas, analisando o estado de conservação, a estrutura e os materiais utilizados na construção. O estado de conservação das casas varia de acordo com seu uso, proximidade com outra residência e contribuição familiar.

Em entrevista com o arquiteto Victor Hugo Mori³ foi discutido os restauros⁴ das residências e a história por trás das mesmas. Victor Hugo indicou a leitura de Tanizaki, referindo ao mesmo como o que melhor manifesta o espírito da moradia tradicional japonesa. Também guiou ao disponibilizar-se para procurar por documentos antigos das residências e documentários, que não seriam encontrados se não fosse Victor. Foi indicado também a visita ao Bunkyo de Registro, para a realização de visitas técnicas nas residências, pois seriam os mais preparados para tal.

Assim, durante os dias 13 a 15 de julho de 2023, foram realizadas visitas nas residências dos imigrantes japoneses no município. Somente graças a ajuda do Sr. Rubens Shimizu e o Sr. Fukuzawa (voluntários do Bunkyo de Registro), foram possíveis as visitas, devido ao difícil acesso as residências e da autorização para realizar a pesquisa, o apoio do pessoal do Bunkyo foi de extrema necessidade. Durante as visitas, todas as residências foram fotografadas e analisadas, com finalidade de construir um arquivo mais recentes das casas alvo.

³ Arquiteto e superintendente do IPHAN/SP.

⁴ Durante a entrevista e conversa com o pessoal do Bunkyo, não houve restauro, apenas uma “salvação” das moradias, pela falta de materiais e investimento. O IPHAN não podia ajudar os bens tombados por serem bens privados, assim, Victor Hugo e outros arquitetos ajudaram com o que tinham.

Figura 1. Mapa da Colônia de Registro, com todas as casas identificadas por Hijioaka, confeccionado com base no Álbum das Colônias.



Fonte: Akemi Hijioaka, 2016, p. 84. Hijioaka, A. e Yoneda, S. 2013

Por conta do péssimo estado de conservação de algumas das casas, apenas o material reunido nas visitas não seria suficiente para uma análise técnico construtiva, sendo necessário o amparo de artigos de Hijioaka (2016) e Kanagawa (2021) para uma análise mais completa. Yamaki, traduziu e compilou diversos guias e manuais distribuídos em jornais e editais pelas companhias de imigração entre 1920 e 1930. Esses manuais permitem compreender as medidas das casas, suas localizações e materiais.

Uma das investigações mais importantes da pesquisa estava entorno da utilização da taipa japonesa, *tsuchikabe*⁵, assim, foi iniciado uma proposta de pesquisa futura a compreender essa técnica construtiva milenar. A partir do das pesquisas e workshop de Hijioaka, será montado um projeto visando construir paredes utilizando o *tsuchikabe*. O material servirá como base para pesquisas futuras buscando absorver as adaptações utilizadas pelos imigrantes japoneses e as próprias vantagens do uso da técnica mista. É de se entender que uma pesquisa mais profunda acerca do assunto deve ser realizada, assim, essa pesquisa não abordará a totalidade do *tsuchikabe*, ambos pontos, positivos e negativos, deixando para um futuro projeto.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A seguir estão organizadas as análises e resultados realizados baseando-se nos artigos, teses e livros apresentados no referencial teórico. Os tópicos seguintes têm como objetivo organizar os pensamentos e as discussões dos autores como modo de garantir a compreensão da formação dos núcleos colonizadores, da construção das residências de imigrantes japonês e do sincretismo de culturas realizado no município de Registro.

⁵ designação, em japonês, de parede de terra

O intuito principal deste capítulo é de as consequências do sincretismo de culturas no município de Registro, e suas características materiais, visíveis pela construção das residências de imigrantes japoneses, enaltecendo os pontos positivos e negativos, ao depender de perspectiva própria, desse sincretismo e apresentando as residências, técnicas construtivas, materiais e cultura dos imigrantes japoneses. Assim, o objetivo é estruturar uma coletânea com diversas fontes de relevância para futuros estudos que procuram investigar as técnicas construtivas e a cultura dos imigrantes japoneses.

4.1 Breve história da arquitetura japonesa

A arquitetura japonesa tem início entre 9.000 e 10.000 a.C. (período *Jomon*⁶) quando as residências eram construídas em covas, com aproximadamente 60cm de profundidade, e formavam, com uma estrutura em madeira, algo parecido com as ocas que temos no Brasil, chamadas *tateana jukyo*. Neste mesmo período, foi relatado outro tipo de edificação, *hottatebashira tatemono*, maior e com o piso elevado, além de possuir uma estrutura, que apoiava tanto o piso quanto a cobertura, em madeira, com pilares fixados no solo. (YOUNG & YOUNG, 2021)(NAGASE, 2015)(HIGASHINO,2001).

Existiram duas grandes influências na cultura e arquitetura japonesa, a primeira foi no século VI, com a introdução do Budismo no Japão através de trocas com a Coreia. A religião budista passou a servir como instrumento de poder, substituindo de certa forma o Xintoísmo. Com isso, diversos templos foram construídos, e muitos mestres carpinteiros e artesões coreanos foram trazidos para o Japão. Já a segunda grande influência, durante o período *Hakusho* (645-710 d.C.), se deu com o intercâmbio de conhecimento com a China, em busca de melhoria no ensino, medicina, agricultura e modo de vida. O modelo chinês trouxe uma grande influência para a arquitetura japonesa, principalmente na capital, Edo⁷ (Young & Young, 2021).

Além da atuação de culturas estrangeiras, a própria religião budista serviu como influência na arquitetura tradicional japonesa. A cobertura, por exemplo, desde o início sempre foi algo a fortemente planejado pelos orientais, as formas exóticas das coberturas de templos, santuários e até mesmo residências tem origem em sua religião, onde a proteção contra o sol e a chuva é o aspecto estético mais importante na edificação. (YOUNG & YOUNG, 2021)(NAGASE, 2015).

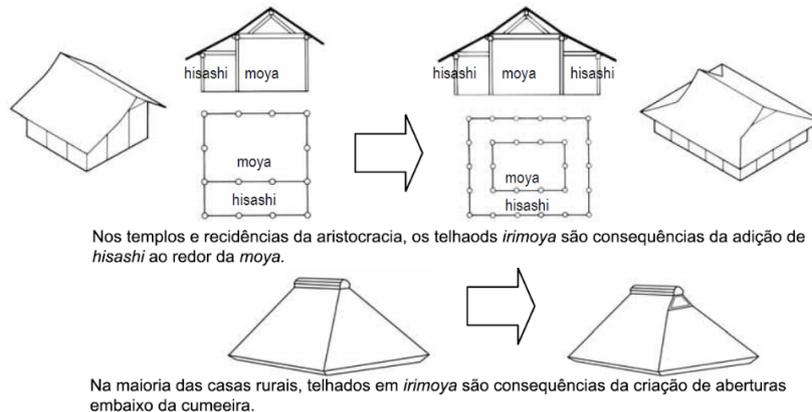
Higashino (2001), estuda sobre as formações dos telhados tradicionais japoneses e suas evoluções com o tempo. Foram estudados 110 edifícios de acordo com a complexidade de suas coberturas, datando entre o início do período Edo (1600-1868) a

⁶ O período *Jomon* é considerado como o período neolítico, onde se vivia da pesca e caça.

⁷ atual Tóquio.

depois da Segunda Guerra Mundial. Foram identificados dois tipos principais de telhado, o *kirizuma*, telhado de duas águas, e *yosemune*, telhado de quatro águas. Todas as outras variantes são misturas desses dois estilos, como o estilo *irimoya*, uma junção dos outros dois estilos apresentados, mais sofisticado e elegante.

Figura 2. Esquema da evolução e conseqüentemente, criação dos telhados *irimoya* nas casas de aristocratas e casas rurais.



Fonte: Higashino, 2001. Adaptação do autor

Os telhados em estilo *kirizuma* eram mais frequentes em santuários e casas urbanas, já o estilo *yosemune* era comum entre os fazendeiros e as classes mais baixas e o estilo *irimoya* era muito utilizado pela aristocracia (conhecidos como *shoin*) e templos. Contudo algumas casas de fazendeiros, *minkas*, possuíam telhados em *irimoya*, apesar de serem visivelmente diferentes daqueles encontrados em templos e na casa de aristocratas. Conforme as casas iam se expandindo, as coberturas iam se adaptando, formando, assim, o estilo *irimoya*. Além dos telhados dos templos e santuários, dentro do xintoísmo existe uma grande conexão com preservar o passado, assim, diversos santuários são reformados, restaurados e até mesmo reconstruídos periodicamente, como no caso do Santuário de Ise, à deusa Amaterasu – a mais importante dentro da crença. O Santuário de Ise é restaurado a cada 20 anos pelos moradores e monges. A atual versão do santuário, em 2023, é a 62ª, se mantendo no desenho original, mudando apenas os materiais. (KANELOYA, 2016).

4.2 O imigrante no Brasil

A expectativa dos imigrantes de uma nova vida no Brasil era muito altas, visando lucrar com o plantio de café e arroz (GONÇALVES, 2008). Diversos dos imigrantes buscavam ganhar grandes quantidades de dinheiro do outro lado do mundo e voltar para seu país de origem. Contudo, ao chegar em terras brasileiras, se depararam com mata virgem e densa, tendo que trabalhar duro, capinando o lote e preparando o solo, para poder iniciar o cultivo de alimentos, principalmente para a própria sobrevivência. Seria apenas

após alguns anos que as atividades começariam a trazer algum retorno. Em seu livro, *O imigrante japonês – História de sua vida no Brasil*, 1987, Tomoo Handa narra sua trajetória de vida como imigrante japonês no Brasil. Escreve que ao chegar não esperava a quantidade de trabalho árduo que teria de ser realizado e passou por momentos de angústia e decepção. Essas características ficaram marcadas para os japoneses durante a primeira onda de imigração, que se iniciou em 1908, chegando a virar cantiga durante os encontros das comunidades japoneses no Brasil. Handa apresenta um trecho da música em seu livro (GONÇALVES,2008). A imigração para colônias, como Registro e Katsura, vieram para mudar o cenário e propor aos imigrantes um novo estilo de vida no país tropical.

Em relação à mão-de-obra, que na época era escassa, tanto pela abolição da escravidão, quanto pela localização das colônias (HANDA, 1987) – referindo aos núcleos de colonização no Vale do Ribeira – os colonos japoneses eram obrigados, de certa maneira, a contratar brasileiros para a ajudar no desmate do lote e na construção da primeira moradia. Handa, relata que para certas funções os brasileiros, principalmente os nativos da região, possuíam mais conhecimento para realizar a tarefa: como coleta de madeira, locomoção e identificação de plantas. Entretanto, durante a confecção de uma casa, os imigrantes optavam pelos serviços de mestres-carpinteiros orientais, tanto por já saberem os desejos de um japonês, como pela qualidade estrutural e estética garantida.

As casas dos imigrantes, segundo o autor, diferenciavam-se principalmente na fachada e na forma em que eram organizadas. Diferente das casas dos fazendeiros europeus, as moradias dos imigrantes japoneses não possuíam uma grande mesa ao entrar na casa, não possuíam nada. Eram organizadas de forma a serem mais livres, permitindo o multiuso dos espaços. Yamaki (2008) mostra em diversos dos manuais que, ao construir uma residência, o espaço da sala deveria ser amplo, e os colonos deveriam se preparar para, a qualquer momento, adaptar esse espaço em um depósito para a lavoura.

Apesar de manterem boa parte de suas tradições, algumas foram perdidas, ou abandonadas, pelos imigrantes japoneses⁸. As famosas entradas das tradicionais casas japonesas foram abandonadas pelos colonos, muito provavelmente por questões de baixa necessidade ao se construir uma moradia com pouco dinheiro e tempo. As moradias, diferentes das encontradas no Japão, não possuíam as divisórias móveis, feitas com madeira ou bambu e folhas de papel, chamadas *shoji* (NAGASE,2015). A mudança foi solicitada pelas empresas e companhias de colonização, a fim de não atrair insetos e baratear as obras (YAMAKI, 2008).

⁸ As mudanças e adaptações na cultura e religião foram observadas a partir do documentário “Habitar/Habitat: Casa de Colono Japonês, 2013” de Paulo Markun, pela SescTV, em conjunto com as considerações feitas durante as visitas.

Em Registro, a religião está associada a outra grande mudança cultural. Durante a consolidação do núcleo de registro, foi fundada a primeira igreja episcopal anglicana do interior de São Paulo, pelo missionário João Yasoji Ito. Assim, grande parte da população japonesa da época, até mesmo nos dias de hoje, são anglicanos, ao mesmo tempo que não abandonaram os conceitos do xintoísmo e budismo. Como fala Carmem Akemi no documentário “Habitar/Habitat – Casa de Colono Japonês, 2013”, houve uma “inculturação”, os japoneses tinham os costumes e modos, com os altares e o incenso, que foram mantidos, mas agora seguindo também os ritos e celebrações cristãs.

4.3 A arquitetura dos imigrantes japoneses no município de Registro

Neste tópico, as residências previamente citadas serão apresentadas e analisadas. O foco é detalhar a arquitetura, organização e dificuldades dessas moradias, além de tratar da influência externa exercida pelos povos nativos do Vale do Ribeira. O que mais chama atenção na arquitetura dos imigrantes japoneses é a adaptação dessas residências aos espaços em que se encontram. Os colonos tiveram que se adaptar ao clima e a mata virgem, aceitando as contribuições da população local, com a indicação de materiais, local para construção e melhor época para retirada da madeira (NAGASE, 2015)(HIJIOKA, 2016).

Na região do Vale do Ribeira, na metade do Século XX, era predominante o uso de pau a pique nas construções ribeirinhas e de agricultores,. Os materiais extraídos eram todos da mata nativa, como o jacarandá, jiçara, folha de palmeira e o próprio barro. As construções dessa população eram muitas vezes alteadas do solo para proteger-se da umidade (PETRONE, 1961). Assim, ao chegar ao Brasil, os imigrantes já possuíam certo conhecimento necessário para a construção de suas residências, graças à orientação dos nativos e à infraestrutura e apoio oferecido pela KKKK (NAGASE, 2015).

A KKKK ajudou os colonos de forma a não precisarem se preocupar diante à parte burocrática da imigração e colonização, chegavam ao novo país com seu lote já definido. Os lotes eram grandes, em média 250 metros por 1000 metros (137 *ken* por 550 *ken*⁹), localizados, em sua maioria, em locais mais elevados e afastados de fontes de água, como rios e córregos, a fim de se segurarem contra doenças e insetos (YAMAKI, 2008).

2. A Casa Saudável, 1927

a) A escolha do local

Tem grande relação com as questões de salubridade e pode-se dizer que muitos imigrantes fracassaram financeiramente devido à escolha errada do local de construção da casa.

Os detalhes serão explicados posteriormente. Porém, a primeira condição, tendo em vista o objetivo de se evitar a malária, é escolher um local alto e seco, afastado a cerca de um quilometro de rios e alagados ou da mata natural. (YAMAKI, p. 18,2008)

⁹ Engel, H. 1 (um) *ken* equivale, aproximadamente, a 181cm.

A primeira moradia dos colonos era provisória, deveria servir como moradia para o período de uma ou duas colheitas, no máximo dois anos, o que seria suficiente para conseguir dinheiro para a compra de matérias e mão-de-obra¹⁰. Esse abrigo seria satisfatório para proteger da chuva e do sereno. Todos os materiais poderiam ser encontrados no lote, para as paredes, estrutura e cobertura. Em média, não chegava há duas semanas de construção (YAMAKI,2008).

Posteriormente, aqueles que se interessavam em se instalar definitivamente no país, deveriam construir sua moradia definitiva. Diversos estilos foram adotados para esta construção, contudo são as de taipa e as de madeira que se sobressaíram. As indicações das companhias de imigração eram de procurar uma implantação em um lugar alto, com uma boa vista e um local que traga paz. A orientação da casa deveria ser voltada para o Norte ou Nordeste, diferente do que os imigrantes estavam acostumados em sua terra natal. Os quartos com 5m² e pé-direito de 3m. Aqueles que possuíam mais dinheiro, nas casas de taipa, deveriam cair as paredes, tornando o ambiente agradável e mais higiênico. Nas casas de madeira, o recomendado era o revestimento do piso com tijolos. (HIJIOKA,2016)(YAMAKI, 2008).

A busca por uma residência esteticamente agradável e que traga paz era a mesma pela segurança e higiene. Diversos dos manuais, traduzidos por Yamaki, fomentam o esforço pela qualidade estética das edificações e pela “atmosfera de paz” (YAMAKI, 2008, p. 23). Houve uma época em que as casas de imigrantes possuíam paredes internas com papéis decorativos, porém, esse costume foi abandonado por conta dos insetos que devoravam a goma que grudava os papéis (BALDUS & WILLEMS, 1941, apud NAGASE, 2015). As paredes externas aplainadas e sem imperfeições, as vigas, vigotas e caixilhos não apresentavam superfície irregulares e falhas. (BALDUS & WILLEMS, 1941).

As casas dos colonos japoneses são bem diferentes umas das outras. Há casas de pessoas ricas e pobres, traços arquitetônicos trazidos do Japão ou incorporados de estilos brasileiros.[...] No entanto, quase todas as casas de imigrantes possuem paredes cuidadosamente aplainadas, e a estrutura de madeira é mais bem feita do que na casa dos caboclos. (BALDUS, H. WILLEMS, E., p. 141, 2012)

4.4 Residências dos imigrantes japoneses – Patrimônio Histórico

As moradias dos imigrantes japoneses que fazem parte do patrimônio histórico do Brasil, chegam a ter mais de 100 anos de idade (IPHAN, 2010). As casas centenárias estão localizadas na área rural de Registro, todas separadas por densa floresta umas das outras. São fáceis de identificar por sua arquitetura única e, infelizmente, pelo seu péssimo estado

¹⁰ Yamaki, a diária de um carpinteiro chegava a 12.000 réis e seus ajudantes 6.000 réis. Apesar a ajuda dos vizinhos, era necessário a presença de um mestre-carpinteiro. As casas de pouco mais de 80m² chegavam a custar 3 contos e 500.000 réis.

de conservação. As paredes de taipa japonesa, *tsuchikabe*, não resistiram à exposição ao clima e à falta de manutenção. Em alguns dos casos, o telhado caiu sobre as paredes, derrubando-a, algo que poderia ser evitado com cuidados e manutenções preventivas, como a troca de telhas e a proteção contra cupins, fator esse que levou outras diversas residências ao chão (IPHAN, 2010).

Apesar do estado degradado de algumas das residências (como é o caso das residências Fukazawa, Gozo Okiyama, Hokugawa e Shimizu), era possível identificar características da arquitetura tradicional japonesa, mais especificamente a *minka*, descrita por Young & Young, Hijioka e Gonçalves, como a utilização da taipa japonesa, a presença de fundações e estruturas exclusivamente em madeira – essa característica também ocasionou na perda de alguns exemplares, por conta da umidificação das peças de fundação, em alguns casos foi optado o uso de tijolos nas fundações – e a minuciosa medida dos cômodos, que seguiam as normas orientais (*ken e shaku*¹¹), baseadas em medidas dos tatames, no caso de Registro, é encontrada a medida de 180cm por 90,3cm (HIJOIKA,2016).

Além das características visuais, o espaço das moradias também foi projetado de forma a seguir o estilo japonês (KANAGAWA, 2021), organizando as mesmas de forma que os quartos tenham acesso a um corredor externo, que liga à cozinha, que comumente, era de terra batida. Um bom exemplo encontrado no município é a Residência Suzu Okiyama (HIJOIKA, 2016)(IPHAN, 2010). A casa foi comprada pela família e transportada até o lote onde seria instalada, apesar da mudança, não houve perdas e, atualmente, a casa se encontra em ótimo estado de conservação. Antigamente, existia um corredor, que ligava a sala, no andar térreo, uma escada, a qual levava aos quartos, à cozinha. Hoje, existe uma nova construção, onde está a cozinha, que ainda está ligada por um corredor externo, porém em uma construção diferente.

Apesar do IPHAN ter ido em todas essas residências, muitas estão em estado de ruína. A Residência Fukazawa, que se encontra poucos minutos da Igreja Episcopal Anglicana, possui poucas paredes originais ainda em pé. Possivelmente, em alguns anos não haverá mais nada, o que representa uma grande perda para a arquitetura e bens nipo-brasileiro. A Residência e Fábrica Shimizu, ainda que no meio de uma densa mata, se encontra em bom estado de conservação, mas são necessárias reformas no telhado, visando a longevidade do bem, assim como a capinagem da mata. A Residência Gozo Okiyama é outra residência que carece de atenção, os pilares de madeira, se não estão

¹¹ Engel, H. O *shaku* e *ken* foram medidas amplamente utilizadas no Japão, até a chegada do sistema internacional. Ambos eram medidas regionais, portanto, cada região do Japão adotava uma base, sendo possível assim, identificar de onde era o mestre-carpinteiro a partir das medidas utilizadas.

ocos, estão tortos, o que indica que em pouco tempo não restará nada, pela força do vento ou peso do telhado.

Figura 3. Fotografias das Residências Fukazawa e Hokugawa, da esquerda para direita. Estado de conservação deteriorado de ambas.



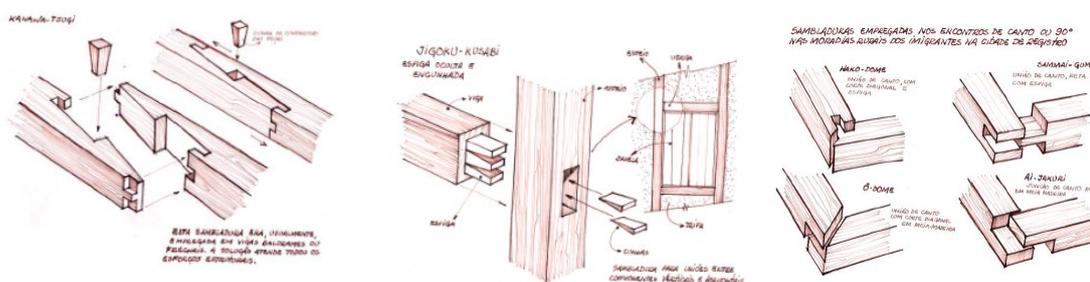
Fonte: Milena Oda, acompanhando visita técnica realizada no dia 13/07/23.

As residências que foram visitadas não são as únicas que sobreviveram, muito menos as únicas a serem construídas. Hijioka aponta dezenas de residências, apenas no núcleo de Registro. Contudo, muitas dessas residências caíram, devido aos fatores já apontados, ou pela falta de atenção dos colonos, ou carpinteiros, na construção das casas. O IPHAN, mostra que muitas das moradias podiam estar com a fachada trocada, com o norte trocado, como se ainda estivessem no hemisfério norte, causando desconforto, além do mais, muitas possuíam sobredimensionamento de vigas, para suportarem o peso da neve, algo que não é necessário nas terras tropicais, além disso, os imigrantes não conheciam um grande inimigo selvagem, o cupim. Quase todas as casas têm problemas com esse inseto, muitas das quais acabaram não sobrevivendo e aquelas que restaram, têm algum tipo de proteção contra cupins, ou ao menos deveriam ter.

4.5 Ensambladuras

As ensambladuras, sambladuras, samblagem ou entalhe, é a área da carpintaria que envolve a união das peças de madeira, sendo uma das características mais marcantes da arquitetura tradicional japonesa. Sem o uso de parafusos e materiais adesivos, os entalhes de madeira estão intrínsecos na arquitetura japonesa, principalmente em templos e santuários, mas também muito presentes nas residências nipônicas, até mesmo nas de classes mais baixas (YOUNG & YOUNG, 2021). Contudo, para realizar esses encaixes é preciso um grande nível de precisão e conhecimento, tornando a técnica algo que não pode ser realizado por leigos e simples artesões. Assim, em residências os encaixes utilizados eram mais simples, visando a praticidade e segurança dos moradores, ao contrário daqueles presentes em templos, onde o fator principal é a estética (GONÇALVES, 2008) (HIJIOKA, 2016).

Figura 4. Encaixes em madeira encontrados nas casas do imigrante em Registro -SP



Fonte: Rogério Gonçalves. 2008, p. 32-33.

Nas moradias de imigrantes japoneses em Registro, foram identificados diversos tipos de encaixes, mas são sete os que mais chamam atenção. O que mais se destaca é o *kanawa-tsugi* (identificado também pelos pesquisadores de Kanagawa), por atender a todos os esforços físicos (GONÇALVES, 2008). O mestre-carpinteiros entendiam por completo o uso da madeira, Seike (1987) apresenta diversos usos e estilos de encaixes, cada um para uma força e local adequado, alguns eram específicos para regiões com maior concentração de terremotos – algo que não acontece no Brasil. Na tese de Gonçalves, ele exemplifica a precisão e maestria dos carpinteiros japoneses. O uso transversal das cunhas de travamento permitiam que os esforços causados pelo elemento de travamento sobre os componentes a serem unidos ocorriam no mesmo sentido das fibras, evitando rachaduras que pudessem comprometer as funções estruturais do componente.

4.6 Tsuchikabe e a Taipa

A vedação das casas dos imigrantes japoneses era muito semelhante às casas dos agricultores da região de Registro, utilizavam uma espécie de taipa de mão, conhecida na arquitetura japonesa como *tsuchikabe*. Uma técnica mista de construção onde se utiliza uma estrutura de suporte feita de madeira e/ou bambu, que sustentam uma argamassa de barro de revestimento misturada com fibra vegetal (MARANGONI et al., 2017). O processo construtivo requer de um apuro técnico extremo, dependendo de um mestre-artesão para seu feitiço. Os materiais e ferramentas utilizados são diversos, principalmente aqueles utilizados para aperfeiçoamentos e detalhamento de quinas e encontros. (GONÇALVES, 2008)

O *tsuchikabe*, diferente da taipa de mão utilizada no Brasil, é uma técnica que foi aperfeiçoada durante mais de 1300 anos, chegando a ser reconhecido no Japão como uma técnica extremamente requintada e com estética fascinante, sendo utilizada em templos e palácios. O barro utilizado passa por um processo de maturação de dose meses, que representa a passagem de todas as estações, assim, o material estaria preparado para

todos os tipos de clima, além de permitir que a fibra se misture melhor com a argamassa durante o processo de fermentação (HIJIOKA, 2016) (GONÇALVES, 2008)(IPHAN, 2010).

A aparência é o fator mais importante para os artesãos, passando cuidadosamente pelas etapas de tratamento e regularização da superfície, utilizando os diversos *kote* (um estilo de desempenadeira misturada e colher de pedreiro japonesa). De acordo com Hijioka, ao todo são seis etapas do processo de construção do *tsuchikabe*, começando com a preparação da ossada e finalizando com a aplicação da camada final de barro, além das oito etapas de aplicação do barro sobre a malha.

Figura 5. Fotografia do *tsuchikabe* encontrado na Residência Fukasawa, 2023. Todas as camadas visíveis, devido ao estado de degradação.



Fonte: Milena Oda, acompanhando visita técnica realizada no dia 13/07/23.

Como os colonos não tinham tempo, material e dinheiro suficiente para preparar a argamassa durante as 4 estações do ano (é conhecido também o descanso por cerca de 3 meses), essa massa era preparada com no mínimo de 7 dias antes de sua utilização (HIJIOKA, 2016) (IPHAN, 2010). Os estilos *ookabe* e *shinkabe* são formas de utilizar o *tsuchikabe*, onde, respectivamente, os pilares estão ocultos ou formam uma moldura, respectivamente. A solução mais encontrada nas casas em Registro, é uma mistura entre os dois, onde a parte externa é em *ookabe* e a parte interna em *shinkabe*, possivelmente por questões orçamentárias e estéticas (HIJIOKA, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, posteriormente à todas as informações apresentadas nos resultados e discussões que o sincretismo entre a cultura e arquitetura tradicional japonesa e cultura e materiais nativos do município de Registro, no Vale do Ribeira em São Paulo, é de grande importância como fonte de informações sobre uma comunidade não brasileira e que trouxe para o país diversas técnicas construtivas e mostram que são possíveis de se utilizar em solo brasileiro. Aproveitando-se do material local, os imigrantes japoneses conseguiram criar núcleos que perpetuam até hoje no estado de São Paulo. As técnicas

utilizadas pelos mesmos são importações do seu país de origem e, com as adaptações necessárias, fixaram-se no novo país.

Dentre todas as técnicas analisadas e discutidas, o *tsuchikabe* é destaque da pesquisa. A técnica mista, resultado da mistura da arquitetura japonesa com a geografia brasileira, é de grande valor arquitetônico construtivo, para ambos os países, mas ainda maior para o Brasil, pois demonstra como o uso da terra e materiais simples e fáceis de se encontrar podem se transformar em uma técnica rica em conhecimento e qualidades. Como dito anteriormente, o *tsuchikabe* não é reconhecido como uma técnica precária, apesar de ser muito parecido com a taipa de mão, pois foi adaptada e estudada de forma ser reconhecida por suas qualidades.

O espírito da residência dos colonos japoneses, como diz Tanizaki, ainda está presente nas mesmas, apesar de em péssimo estado de conservação, como a Residência Fukazawa e Residência Gozo Okiyama, visíveis pelas características básicas de uma moradia tradicional japonesa, como as dimensões baseadas em tatames e a organização das mesmas. Em conjunto com as adaptações ao meio, como as salas prontas para serem depósitos, os materiais utilizados e os cômodos fixos.

5.1 Estado das Residência

As residências visitadas durante a visita técnica em julho de 2023, estavam, em sua maioria, em péssimo estado de conservação. As únicas, das sete moradias de imigrante japoneses em Registro, que estavam em bom ou ótimo estado de conservação eram as da Família Amaya, pela manutenção contínua da família. A Residência Amaya 1, localizada no terreno da fábrica de chá da família e ao lado da casa do neto dos proprietários, Diego Amaya, completou 100 anos em 2023 (IPHAN,2010), apresenta poucas marcas do tempo. Já a Residência Fukazawa, estava quase no chão, o telhado frágil, por conta dos cupins, caiu em cima da parede de palha, que por consequência, caiu em cima do telhado da construção de apoio, onde era feito farinha.

A Residência Gozo Okiyama estava inclinada, pela falta de estrutura e fragilidade na mesma, possivelmente, com a retirada do material de vedação (madeira), a estrutura ficou suscetível ao tombamento e aos poucos vai inclinando em sentido do chão. Como não tem ninguém morando na mesma, a manutenção é inexistente. Por outro lado, a Residência Suzu Okiyama, estava em bom estado de conservação, apenas com sinais de cupins e uso cotidiana. A Residência Shimizu, apesar de estar em bom estado de conservação, era necessário atenção na estrutura da treliça do telhado, pois foi avistado grande desgaste por conta da chuva e cupins. O destaque vai para a Residência Hokugawa, pois foi encontrada cheia de pirações e quase sem vedação alguma. Poucas vigas de madeira seguram o

telhado que lhe resta e, do pouco que ficou da moradia originária, é difícil a identificação da organização e planta original.

REFERÊNCIAS

9ª Superintendência Regional IPHAN/ São Paulo. Dossiê de Tombamento – **Bens Culturais da Imigração Japonesa no Vale do Ribeira**. São Paulo: 2010.

Álbum das Colônias Japonesas em Iguape 1913-1933. (1933). São Paulo.

AOKI, Alessandro. **Caracterização iconográfica da cultura japonesa no município de Registro: Breve Considerações**. Registro, vol. 2, p. 38-43, ago. 2018.

AOKI, A. **Os Japoneses e a Teicultura no Município de Registro-SP: a produção do espaço como resultado de um processo econômico e migratório**. 2011. Tese de mestrado. Maringá, 2011.

CARNEIRO, Maria Luiza T.; TAKEUCHI, Marcia Y. **Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória**. São Paulo: EDUSP, 2010.

ENGEL, H. **Measure and Construction of the Japanese House**. Tóquio: Tuttle Publishing, 2020.

GONÇALVES, R. B. (2008). **O sincretismo de culturas sob a ótica da arquitetura vernácula do imigrante japonês na cidade de Registro, São Paulo**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 16(1), 11-46.

HABITAR/HABITAT: CASA DE COLONO JAPONÊS. Direção: Paulo Markun. Produção: Sesc TV. São Paulo: 2013. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxnxmhsEIDc>. Acesso em 31 jul. 2023.

HANDA, T. **O Imigrante Japonês: História de sua Vida no Brasil**. 1987. São Paulo: Tao,

HENSHALL. K. **História do Japão**. Tradução Victor Silva. ed. 2. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 77-150.

HIGASHINO, Adriana P. **Roof Typology and Composition in Traditional Japanese Architecture**. Tóquio, 2001.

HIJIOKA, A; JOAQUIM, B. INO, A. **Aprendendo com os Mestres Japoneses o Tsuchikabe: Técnica de taipa japonesa no Brasil**. Seminário Iberoamericano de Arquitectura y Construcción com Tierra. São Carlos: 2015.

HIJIOKA, A. **MINKA – Casa do Imigrantes Japoneses no Vale do Ribeira**. São Calos; 2016.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE KANAGAWA. **Um estudo sobre a vida dos imigrantes japoneses sob a ótica das ferramentas populares na Colônia de Registro, São Paulo, Brasil.** Kanagawa, 2021.

KANEOYA, Iochihiko. **Xintoísmo: Mitologia e influência na formação da cultura e do caráter do povo japonês.** 2016.

MARKUN, P. **Habitar/Habitat: Casa de Colono Japonês (2013).** SESCTV.

NAGASE, Larissa T; SANTOS; Cecília H. R. **Arquitetura residencial dos Imigrantes Japoneses no Vale do Ribeira.** São Paulo: 2015.

OKANO, Michiko. **MA: Entre-espço da arte e comunicação no Japão.** ed. 1. São Paulo: Annablume, 2012.

PETRONE, Pasquale. **Baixada do Ribeira: estudo de geografia humana.** 1961. Tese Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1961.

SAKURAI, C. **Os Japoneses.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SEIKI, K. **The Art of Japanese Joinery (1977).** Colorado: Weatherhill, 2017.

TANIGUTI, G. T. (2012). **Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeira de São Paulo, de Emilio Willems e Herbert Baldus.** *Plural*, 19(1), 139-148.

TANIZAKI, J. **Em louvor da Sombra.** 1933. Tradução: Leiko Gotoda. ed.1. São Paulo: Penguin Companhia, 2017.

VECINA, Cecilia C. **A crítica ao pesquisador e seu exemplo na geografia regional: a proposta de Pasquale Petrone para o Vale do Ribeira.** Presidente Prudente: Ver. NERA. V. 24, n. 60, p 23-47, set-dez. 2021.

WALKER, Brett. L. **História Concisa do Japão.** 2015. Tradução: Daniel Moreira Miranda. ed. 1. São Paulo: edipro, 2021. p. 133-200.

YAMAKI, H. **Lições de Arquitetura: Manuais e Recomendações aos Imigrantes Japoneses nos anos 20-30.** ed. 1. Londrina: Edições Humanidades, 2008.

YONEDA, S. **Registro Arquivo: Cenário da colônia japonesa.** Sanda: 2020.

YOUNG, D; YOUNG, M. **The Art of Japanese Architecture.** Tóquio: Tuttle Publishing, 2019.